



A LINGUAGEM NA CONFIGURAÇÃO DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS E DE AFETO ANTE O MAL-ESTAR NA MODERNIDADE LÍQUIDA¹

Larissa Cunha Brondani², Ana Laura Arnhold³, José Pedro Bouffleur⁴

¹Trabalho desenvolvido na disciplina de Paradigmas do Conhecimento durante o Mestrado em Educação nas Ciências, na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, Brasil.

²Psicóloga, Mestranda em Educação nas Ciências e Bolsista do programa de fomento PROSUC/CAPES/CNPq.

³Licenciada em Biologia, Doutoranda em Educação nas Ciências e Bolsista do programa de fomento PROSUC/CAPES/CNPq.

⁴Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências, Mestrado e Doutorado, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

A crise dos tempos atuais é lida, muitas vezes, como crise da passagem da modernidade para a pós-modernidade e gerada por impasses que, por sua vez, podem ser compreendidos a partir da noção de um mal-estar na sociedade como um movimento constante, como inerente à própria cultura. Um mal-estar que aparece, sobretudo, nas relações interpessoais e de afeto e em relação à construção da subjetividade, uma vez que vínculos afetivos fragilizados costumam trazer adversidades para a afirmação dos sujeitos em suas identidades pessoais.

Bauman (1998), em referência à obra de Freud, se refere a esse mal-estar como sendo próprio da nossa consciência coletiva que modela o nosso pensar a propósito das consequências intencionais e não intencionais da aventura moderna. Nesse sentido, o autor lembra que para Freud a civilização se constrói sobre uma renúncia ao instinto, com o que a civilização, na sua configuração moderna, impõe grandes sacrifícios à sexualidade e à agressividade do homem (BAUMAN, 1998). Já num contexto pós-moderno, ainda conforme Bauman, haveria uma naturalização e/ou estranhamento na configuração das relações afetivas, tornando-as cada vez mais líquidas, sem que com isso o mal-estar deixe de existir. Como aspecto comum a esses dois momentos, indica o autor, há o mal-estar na civilização como algo incontornável, independentemente da configuração das relações interpessoais e de afeto que venham a se estabelecer.

Em outra linha de reflexão, complementar em nosso entendimento, Kehl (2016) compreende que as formações de linguagem vêm precedendo os sujeitos e os colocam em determinadas posições na ordem simbólica. A linguagem é uma estrutura genérica, abstrata, que comporta todas as línguas; tendo em vista que a língua é o terreno no qual a linguagem se corporifica. A língua é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social.

Nessa perspectiva, a linguagem nos caracteriza como seres distintos das demais espécies animais, seres sociais e capazes de interação inteligente com o seu entorno. É através da linguagem que conseguimos expressar os nossos desejos, sejam eles desejos reais ou de cunho simbólico, expressando, eventualmente, uma fantasia ou um delírio do sujeito (neurótico) em uma sociedade pós-moderna.

As práticas falantes introduzem modificações na língua. Para Saussure, “é a fala que faz a língua evoluir”. A fala é viva, móvel e relacional (*apud* KEHL, 2016). Através das nossas impressões que são produzidas através da escuta do outro podemos modificar as nossas percepções, os nossos entendimentos. Observa-se que nessa passagem entre os enunciados e a sua recepção pelos interlocutores, as mensagens emitidas são apreendidas em perspectiva própria, seja dos falantes, seja dos intérpretes.

Segundo Bauman (1998), a civilização, a ordem imposta à humanidade naturalmente desordenada, se torna um compromisso, uma situação continuamente reclamada e para sempre instigada a se refazer. De alguma forma adentramos aqui no princípio do prazer, do qual Freud nos falava, necessariamente articulado com o princípio da realidade e com as normas sociais que estabelecem essa realidade e que é a medida do realista. O homem civilizado, ou seja, o homem moderno trocou as possibilidades de felicidade pela possível segurança (BAUMAN, 1998), com o que, pode-se dizer, não há um ganho sem um respectivo custo.

METODOLOGIA

A presente escrita se fundamenta na revisão de narrativa e nas discussões acerca da temática do moderno e pós-moderno refletida no âmbito da disciplina “Paradigmas do Conhecimento” do Mestrado em Educação nas Ciências da Unijuí. No decorrer do texto são referidos escritos de Zygmunt Bauman e da psicanalista Maria Rita Kehl para o desenvolvimento do tema da constituição do sujeito e de suas relações intersubjetivas e de afeto no contexto do mal-estar na civilização.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O humano manifesta-se como possibilidade de criação, de inovação, enfim, de conhecimento que somos capazes diante da natureza, no convívio com os outros e em relação a nós mesmos (BOUFLEUER; DELLAFEVERA, 2016). Como seres humanos necessitamos da interação com o outro não somente para o convívio em sociedade, mas para o bem-estar a nível psíquico, promovendo, assim, a nossa saúde mental. Pela comunicação podemos firmar laços de amizade, familiares e amorosos, conhecer novas ideias, estilos de vida e desenvolver formas de identidade pessoal.

Propomo-nos, aqui, a pensar sobre o estabelecimento de laços amorosos, considerando a fragilidade desses laços ante a dificuldade na comunicação, dificuldade essa inerente à linguagem que sempre demanda interpretação e, em última instância, disposição para um entendimento intersubjetivo. Essa dificuldade aparece de um modo muito especial no âmbito das relações interpessoais e de afeto. Os relacionamentos amorosos, por exemplo, não raras vezes são marcados por situações de violência, seja ela psicológica, física, sexual, verbal, patrimonial ou de gênero.

Segundo Kehl (2016), o próprio amor, sobrecarregado pelos ideais românticos de fazer de um sujeito o herói de sua existência, não é por si só um delírio, muito caro às mulheres, mas pode configurar-se como a fuga apaixonada para um lugar distante. Pode tratar-se, em certos casos, de anseios reprimidos de grande parte das mulheres que sonham/sonhavam viver, a seu modo, a grande “aventura burguesa”, para além do papel honroso que lhes era concedido, de mães virtuosas e “rainhas do lar”.

De acordo com Bauman (2004), a fragilidade dos vínculos humanos nas relações interpessoais e de afeto se refere ao sentimento de insegurança que motiva os conflitos dentro das relações. Não há conexões que possam reestabelecer possíveis lacunas firmadas através de vínculos fragilizados com o intuito de garantir a permanência do Outro na relação. No atual cenário da vida moderna, os relacionamentos líquidos são aqueles passíveis de ambivalência.

Para Kehl (2016), as mulheres, em sua posição subjetiva e na sua condição social, emergem das dificuldades que enfrentaram e enfrentam para deixar de serem objetos de uma produção de saberes de grande consistência imaginária, a partir do que se estabelece a verdade sobre a sua “natureza”. Em contrapartida, para Schein, Ubessi e Boechel (2019), o lugar social, cultural, político e jurídico ocupado pela mulher moderna é resultado de lutas e conquistas dos movimentos feministas que ocorreram há décadas.

Entretanto, interessa-nos pensar nos relacionamentos amorosos e/ou afetivos dentro de uma relação heterossexual. De acordo com Bauman (2011), os relacionamentos atuais estão embasados na liquidez própria de nosso tempo, marcada por uma relação de sentimentos de efemeridade que têm durabilidade até que se tenha satisfação. Partimos do pressuposto de uma falta ética nas relações amorosas, considerando, de acordo com Hooks (2021), que os valores que firmam a cultura, a teia social e a ética amorosa, moldam e influenciam a forma como usamos a linguagem, seja no pensar, no falar ou no modo de nos comportar. No entanto, os comportamentos diante de uma relação amorosa representam, por vezes, a nossa linguagem para com o outro. A linguagem não está somente na língua e/ou na fala, mas na forma como nos comportamos, a qual remete, em algumas relações amorosas, aos comportamentos agressivos próprios de uma comunicação de violência.

O compromisso com uma ética amorosa transforma nossa vida ao nos oferecer um conjunto de valores pelos quais escolhemos viver. Em grandes e pequenas escalas fazemos escolhas baseadas nas crenças que carregamos conosco desde os primeiros anos de vida em que, a partir do núcleo familiar, nos é mostrado que o amor e a demonstração de afeto são colocados no lugar da vulnerabilidade e da fraqueza (HOOKS, 2021).

Freud (1974[1929-1930]) nos traz uma percepção acerca da violência em nossa sociedade em seu livro “O mal-estar na civilização”. Com base em seus argumentos nos parece justificado apontar o fato da violência como a eclosão de um gozo sem mediação, que, em seu excesso, busca a aniquilação do outro e o rompimento dos laços sociais. Importa destacar que, para o autor, a violência é a antítese da civilização.

A linguagem afeta aquilo que constitui a singularidade da humanidade e a natureza da racionalidade. Pode-se pensar que a linguagem é o que nos difere do outro, expressando a singularidade e individualidade dos sujeitos em uma sociedade. Aprendemos e somos educados na infância primeiramente pelo contexto familiar, no qual aprendemos a falar, a nos comunicar, a caminhar, a comer, dentre outras funcionalidades para o desenvolvimento humano. É com o núcleo familiar que, por vezes, temos os primeiros contatos com a linguagem da violência e, contudo, essa linguagem apreendida permanece no nosso registro mental a nível inconsciente. Assim, carregamos conosco e para a vida adulta posturas que aprendemos nos primeiros anos do nosso desenvolvimento com aqueles com quem convivemos, uma linguagem líquida e fragilizada pela falta dos laços de afeto e, assim, projetamos essa linguagem no outro, inclusive nas nossas relações amorosas quando adultos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como as relações interpessoais e de afeto vem se configurando em nossa sociedade moderna remete, por vezes, aos conflitos e às adversidades vivenciados em diversas situações e relações ao longo da vida. Com isso, o que era para se tornar uma relação saudável acaba se tornando um “pesadelo”, como menciona Bauman (2004). Em meio a essas relações conflitivas no contexto de uma modernidade cada vez mais líquida, engendrada pelo sofrimento psíquico nas relações interpessoais e de afeto, entende-se que se a relação causar dor pela falta de uma comunicação mais efetivamente orientada ao diálogo e ao entendimento, e sim como marcada por discussões, brigas e explosões de raiva, está se amando “errado” ou não está amando.

Palavras-chave: Filosofia. Modernidade. Relações amorosas. Relações interpessoais. Psicologia.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BOUFLEUER, José Pedro; DELLAFAVERA, Juliana Scheibner. Educação e Linguagem: novas percepções com base na pragmática. **Revista Diálogo Educacional**, v. 16, n. 49, p. 727-744, 2016.
- FREUD, Sigmund (1974). **O mal-estar na civilização**. In S. Freud. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1930).
- HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: Novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.
- KEHL, Maria Rita. **Deslocamento do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. 2ª edição, São Paulo: Boitempo, 2016.
- SCHEIN, Sílvia, UBESSI, Limara, BOECKEL, Mariana, PRATI, Laíssa. Atenção à saúde da mulher vítima de violência: um recorte temporal. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research**, v. 21, n. 2, p. 174-185, 2019.